

Rupturas e Continuidades em Moçambique: Entrevista com Teresa Cruz e Silva

Teresa Cruz e Silva, Silas Fiorotti, Antonio Alone Maia e Denise Moraes Pimenta



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2667>

DOI: 10.4000/pontourbe.2667

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Teresa Cruz e Silva, Silas Fiorotti, Antonio Alone Maia e Denise Moraes Pimenta, « Rupturas e Continuidades em Moçambique: Entrevista com Teresa Cruz e Silva », *Ponto Urbe* [Online], 16 | 2015, posto online no dia 31 julho 2015, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2667> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2667

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

Rupturas e Continuidades em Moçambique: Entrevista com Teresa Cruz e Silva

Teresa Cruz e Silva, Silas Fiorotti, Antonio Alone Maia and Denise Moraes Pimenta

AUTHOR'S NOTE

Transcrição da entrevista realizada por Antônio Alone, Denise Pimenta e Silas Fiorotti, com revisão e edição realizada por Teresa Cruz e Silva.

- 1 No segundo semestre de 2014, conhecemos a professora moçambicana Teresa Cruz e Silva, do Departamento de História da Universidade Eduardo Mondlane UEM, Moçambique. Ela esteve na Universidade de São Paulo, por algumas semanas, ministrando a disciplina *África e a Descolonização dos Saberes: o caso de Moçambique 1930-2014*, no Programa de Pós-Graduação em História Social FFLCH-USP. Não poderíamos perder a oportunidade de dialogar com uma pesquisadora que sempre buscou repensar a história de Moçambique sem fugir das questões complexas.
- 2 Teresa Cruz e Silva defendeu sua tese na Universidade de Bradford, Inglaterra, em 1996, sendo publicada em português com o título *Igrejas protestantes e consciência política no sul de Moçambique: o caso da Missão Suíça 1930-1974*.¹ A tese é sobre a contribuição dos protestantes para o desenvolvimento da consciência política dos moçambicanos e, através de diferentes fontes, Teresa mostrou que não é preciso simplificar o debate sobre a *moçambicanidade*. Além disso, Teresa não poupou as igrejas das críticas, especialmente com relação ao papel das mulheres. Ela já estaria dando sinais das pesquisas de gênero que viriam posteriormente, entre outras.²
- 3 Nos últimos anos, Teresa dedicou-se a biografias de pessoas que participaram da luta de independência em Moçambique, tendo inclusive, em 2014, organizado uma obra sobre

Zedequias Manganhela 1912-1972,³ o pastor presbiteriano que, em 1972, juntamente com outros líderes protestantes, foi preso, torturado e morto pelo regime colonial português. Teresa tem demonstrado sua capacidade de criticar até mesmo o governo da FRELIMO Frente de Libertação de Moçambique que, por sua vez, se apropria seletivamente da imagem de Manganhela como mártir e herói nacionalista, mas esquece da sua história de vida.

- 4 Para uma pessoa como Teresa que, durante anos, esteve muito próxima do governo da FRELIMO, possivelmente ainda há questões mal resolvidas e, conseqüentemente, alguma dificuldade em produzir uma crítica mais contundente em relação a ele. Ela nega que o Centro de Estudos Africanos fosse um braço do governo ou simplesmente diz que não se arrepende de todas as coisas que fez pela FRELIMO, mas, de uma forma geral, não sabemos exatamente do que ela está dizendo. Mesmo assim, Teresa faz questão de lembrar de um livro sobre as histórias da luta de libertação, que ela ajudou a produzir no Centro de Estudos Africanos, e que a FRELIMO nunca editou; critica os heróis nacionais instituídos pela FRELIMO; critica o fato da FRELIMO não ter aberto seus arquivos ao público; além de sinalizar que seus escritos não são produzidos para agradar nenhum governante.
- 5 A seguir, a transcrição desta entrevista realizada no dia 3 de novembro de 2014, no prédio da História e Geografia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo FFLCH-USP.

DENISE : Primeiro, Teresa, muito obrigada por você ter aceito. E assim, eu fiz uma breve pesquisa e o que estiver errado você me conserte... O que me instiga em princípio, é a sua trajetória acadêmica. Em 1975, no momento em que Moçambique, através da FRELIMO, assume a soberania e deixa o status de colônia, pelo que eu pesquisei, você finalizava o bacharelado em História, na Faculdade de Artes na Universidade de Lourenço Marques.

Teresa : Faculdade de Letras.

DENISE : ...de Letras, isso. Portanto, nós gostaríamos de entender, na sua visão, nesta passagem de transição, neste momento específico, a gente gostaria que você falasse um pouco da sua trajetória como estudante naquele momento simbólico, além de prático, mas simbólico, ou a sua visão ou a sua relação, se tinha alguma, com a FRELIMO, com os intelectuais, com os jovens. É mais essa visão de estudante, uma primeira Teresa da juventude, uma acadêmica da juventude, vivendo isso, qual a sua relação ou com a FRELIMO ou com seus intelectuais? Ou como você via como historiadora em flor, chegando ao bacharelado?

Teresa : Então, talvez fosse bom começar por explicar como funcionava o sistema universitário colonial e o que estava eu a fazer no bacharelado. A universidade foi introduzida em Moçambique, apenas em 1962,... e se chamava Estudos Gerais Universitários. Começo por este ponto, porque é importante referir o medo que o colonialismo tinha que os africanos se formassem e pudessem vir a constituir uma pequena burguesia que se opusesse a eles, não é? Assimilados ou não assimilados. Na minha condição rática, eu era registrada “raça mista”. Significava que eu não era assimilada, e então nós éramos registrados como “raça mista”, e o princípio era cooptar as pessoas como eu, não é?, para o lado do sistema. Então, determinados cursos que foram introduzidos por estes Estudos Gerais Universitários não funcionavam na sua totalidade nas colônias, porque eles tinham um certo receio da afirmação das pessoas. O sistema da graduação era de cinco anos: três anos de bacharelado e mais dois anos para obter a licenciatura. Mas em cursos de Ciências Sociais, apenas uma parte era lecionada em Moçambique. Foi um sistema de controle que eles encontraram quando criaram o

curso de História: três anos em Moçambique e dois anos em Portugal. Quem quisesse fazer a licenciatura era obrigado a ir a Portugal, porque era um sistema de controle. Entretanto, em 1974, veio o 25 de abril, as coisas mudaram.

Quando chegou o 25 de abril, alguns estudantes do nosso curso decidiram que era importante introduzir mudanças: “Bem, agora com o 25 de abril, enquanto ocorrem as conversações, nós vamos mudar este curso, e vamos esticá-lo por mais um ano”, porque nós queríamos estudar África. Então, começamos a fazer reuniões para discutir o que deveria ser o novo *currículum* e de repente começamos a ver um desconhecido nas nossas reuniões. É uma imagem que eu nunca mais esqueço, de ver um homem branco diferente de todas as outras pessoas que estavam ali... e a gente dizia: “Quem é este? Este aqui deve ser da FRELIMO”. E ele ficava caladinho ouvindo as nossas conversas. Esse foi o primeiro contato direto que tivemos com uma pessoa da FRELIMO, no nosso curso. E depois nós passamos a discutir com ele, não é?, pois ele se apresentou. Era sobre como reorganizar o curso etc. E nós estendemos o nosso curso para mais um ano e começamos a introduzir uma série de discussões, uma série de matérias, e essa foi a nossa primeira viragem real. Posso assim dizer que o meu primeiro contato direto com a FRELIMO se deu em 1974, quando Fernando Ganhão... que acabei de referir... que era enviado da FRELIMO para reorganizar o ensino superior começou a aparecer nas reuniões que os estudantes realizavam para a reestruturação dos *curricula*. Fernando Ganhão veio a ser o primeiro reitor moçambicano da nossa universidade depois da independência nacional.

SILAS : Quem era este homem?

Teresa : Fernando Ganhão. Ele era da FRELIMO, tinha ido para Portugal como muitos moçambicanos, para estudar durante o período colonial, e depois atravessou os Pireneus para França, clandestinamente e, juntou-se a FRELIMO em Dar-es-Salaam, não é? Mas quando houve a crise da FRELIMO nos anos 1965, 1966 -- a crise também tinha problemas de racismo, então Eduardo Mondlane mandou-o estudar na Polónia, onde se formou em História, enquanto as coisas se acalmavam.

Daí para a frente, o mais interessante é que nós tínhamos um diálogo com ele, sobre como nós podíamos transformar o nosso *currículum*, e nós estudantes é que propusemos a transformação.

No curso de História que eu fazia, havia dois tipos de estudantes: estudantes a tempo inteiro, e trabalhadores, normalmente mais velhos, alguns quase da idade de nossos pais que eram em regra funcionários públicos, muitos dos quais portugueses, não é? Muitos iam estudar, iam às aulas, só para ter um diploma, já que estavam inseridos numa carreira profissional e porque deste modo tinham um aumento de salário. Então, nós tínhamos uma divisão na turma, entre nós jovens e os outros. Neste período de transição para a independência, a fronteira entre nós situava-se entre os que queriam uma alteração curricular e os que não queriam fazer mudanças e pretendiam manter o *currículum* herdado do sistema colonial português. No grupo de jovens havia um interesse por aprender novas coisas e fazer descobertas. Foi assim que um pequeno grupo aceitou, logo no primeiro ano do curso, uma oferta de um professor da disciplina de Pré-História que se juntou ao Instituto de Investigação Científica de Moçambique, para fazer pesquisa arqueológica. Foi uma forma de fazer pesquisa fora daquilo que era o nosso curso virado para a História de Portugal, sem qualquer ligação com Moçambique. Então, nós tínhamos essa ligação através da pesquisa de terreno.

Logo depois que eu entrei na universidade, a Associação Acadêmica, que reunia estudantes universitários foi encerrada, por razões políticas. Havia ainda um cineclubes, onde eram passados filmes que produziam discussões sobre várias realidades. Muitos de nós, crescemos e tomamos consciência política no seio dos debates realizados pelos estudantes nos grupos referidos.

Depois, um outro contato muito interessante que nós tivemos, com essa transformação, é que chegou um senhor que se chamava Aquino de Bragança, não sei se vocês já ouviram falar dele. Bragança tinha nascido em Goa, passou por Moçambique e em Paris juntou-se a um grupo de jovens que pretendiam a libertação das colônias africanas do sistema de dominação colonial portuguesa. Bragança tinha também ideais de libertação da Índia. Depois de 1961, porque já não fazia mais sentido essa luta pela Índia juntou-se aos nacionalistas que lutavam pela libertação de África, que estavam em Paris, e em Marrocos... que lutavam para a independência das colônias portuguesas. Aí trabalhou com os nacionalistas de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e veio a ser um íntimo colaborador do MPLA, do PAIGC e da FRELIMO. A sua amizade com Marcelino dos Santos, que vem desse período do exílio, levou-o a optar pela nacionalidade moçambicana e a estabelecer a sua ligação a FRELIMO. Então, a FRELIMO mandou Aquino de Bragança para Moçambique, no período de transição para a independência, e ele era nosso professor, nos dava uma cadeira... uma disciplina, que se chamava História das Lutas de Libertação em África. Ele tinha sido jornalista do *Afrique Asie*, tinha sido jornalista em Paris, em Marrocos, e conhecia todo mundo e detinha uma cultura incrível. Então, nós bebíamos com ele da sua grande sabedoria, não é? Sobretudo os conhecimentos que nós nunca tínhamos tido a oportunidade de aceder pelos estudos. Portanto, sobretudo ele, e o professor [Fernando] Ganhão que depois foi reitor, nos fizeram mergulhar num mundo que para nós tinha sido um mundo “proibido” na universidade colonial; e nos formaram também numa série de áreas que nós não conhecíamos.

No final do nosso bacharelado, o reitor Ganhão e Aquino de Bragança fizeram uma reunião conosco e disseram: “Olha, nós estamos num processo muito complicado, só temos duas possibilidades, ou fechamos a universidade ou continuamos com ela, com a vossa colaboração. Os professores portugueses foram todos embora, nós não temos ninguém.” Então, eles convidaram alguns de nós, para trabalharmos na universidade e para colaborarmos, com Aquino de Bragança, na fundação do Centro de Estudos Africanos, que foi criado em janeiro de 1976. E a condição é que nós continuaríamos a estudar enquanto trabalhávamos. É verdade, quem não aceitaria uma proposta dessas?, não é?; era “o ouro sobre o azul”. E nós aceitamos essa proposta de ficar com Aquino de Bragança no Centro de Estudos Africanos. Não havia nada, havia um edifício e não havia mais nada, não é? O edifício que era o tal Instituto de Investigação Científica onde alguns de nós fazíamos já, pesquisa de arqueologia. Então, essa é a experiência mais interessante que eu tenho do início da minha carreira.

SILAS : Quem são os teus contemporâneos ali?

Teresa : Meus contemporâneos? Os que estão lá são: a minha colega Ana Loforte, que é antropóloga; a Maria da Luz Prata Dias e o Ricardo Teixeira Duarte; deixa eu ver... o Luis de Brito, que é do IESE Instituto de Estudos Sociais e Económicos... Não há outras pessoas que estejam lá neste momento... tinha ainda a Eulália, que era esposa do Luis de Brito, mas ela já não mora mais em Moçambique. Depois tinha o José Pacheco, que era

português e voltou para Portugal; tinha ainda o meu colega João Morais, que agora trabalha na SIDA, na Suécia. Então, dos que estão lá ainda, em Moçambique, é a minha colega Ana Loforte, a Maria da Luz, eu e o Luis de Brito; acho que não há mais ninguém que esteja lá em Moçambique... ou trabalham em outros locais. Os que ficaram depois trabalhando na universidade, fomos três, a Ana, o Luis e eu, e o João Morais por algum tempo. Eu e o Luis de Brito somos colegas desde o secundário, juntamente com a Maria da Luz. A Ana Loforte é uma colega antiga dos tempos da graduação. Mas também não éramos um grupo muito grande. Depois disso, era preciso fazermos os livros de História de Moçambique, que não havia. Então, como não havia professores de história, alguns de nós foram mandados para a Faculdade de Letras. Eu e a Ana Loforte fomos enviadas para a Faculdade de Letras, embora mantivéssemos a ligação com o Centro de Estudos Africanos, e a Ana, particularmente com o departamento que hoje se chama Antropologia e Arqueologia, mas a nossa base passou a ser a Faculdade de Letras, depois eu voltei mais tarde, ao Centro de Estudos Africanos. E lá, a ideia era que nós trabalhássemos como assistentes de outros professores... dos que ainda constavam, os brasileiros que ensinaram lá. Por exemplo, eu me lembro de dois brasileiros que marcaram os estudantes de história no pós-independência, um dos quais é professor da UFF; que é o Daniel Arão Reis, não sei se vocês conhecem, e na altura sua esposa Sónia.

SILAS : Daniel?

Teresa : Daniel Arão Reis. Ele é professor da UFF, em Niterói. Uma vez fui à UFF e o Marcelo Bittencourt me disse: “Eu tenho uma surpresa para ti, alguém que tu conheces, vamos jantar juntos.” Eu disse: “Alguém que eu conheço?” Cheguei ao jantar e era o Daniel Arão Reis.

Estes professores eram exilados políticos, em Paris, ou onde quer que seja, que foram para Moçambique ensinar, porque nós não tínhamos professores. Havia chilenos, brasileiros e depois alguns que eram da Alemanha democrática, não é? Estes últimos ensinavam a disciplina de Marxismo Histórico e Dialético, mas era uma coisa tão horrorosa, um ensino tão mau, que os estudantes batizaram a disciplina de “Materialismo Histórico e Diabólico”. Eu acho essa designação uma maravilha, não é? Porque refletia um ensino de carácter dogmático, se posso assim dizer. Então, nós, depois, tivemos que produzir aquele livro de dois volumes,⁴ nós tivemos que produzir aquele livro aos poucos. E depois mais um que foi guardado na gaveta pela FRELIMO e nunca foi editado, que era sobre *A História da Luta de Libertação*. E foi assim que eu comecei, não é?

DENISE : Agora é uma pergunta mais... sobre a maturidade académica. Tendo sido presidente do Comitê Executivo do Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África [CODESRIA] – a data que eu tenho é entre 2005 e 2008, não sei se está correta.

Teresa : Como membro do comitê executivo, a partir de 2002; depois, no meu segundo mandato, como membro do comitê executivo, fui presidente.

DENISE : Gostaria de saber como a senhora vê este Conselho no desenvolvimento atual da pesquisa em Ciências Sociais na África Austral e para além dela, as ações do Conselho conseguem chegar a outras instituições da África Ocidental, como, por exemplo, a universidade que é a mais antiga da África, localizada em Serra Leoa: a Fourah Bay College, fundada em 1827? Agora, a 14ª Assembleia Geral do Conselho [CODESRIA] pretende enfrentar os seguintes questionamentos: “Criar Futuros Africanos numa Era de Transformações Globais: Desafios e Perspectivas”. Quais são esses futuros africanos, de que África se está falando? Já que é um conselho abrangente, para um continente enorme,

com muitas diferenças não só sociais, econômicas, mas de línguas, e de geografia, uma distância gigante que nem todos têm internet para se comunicar, as vias de comunicação e transporte. Então, eu gostaria de saber se o Conselho consegue ir para além da África Austral...

Teresa : Para o Brasil?

DENISE : Sim [risos]... E se essa assembleia, a 14^a já, são [mais de] 14 anos, me parece, só da assembleia, e tem esse nome: "Criar Futuros Africanos numa Era de Transformações Globais: Desafios e Perspectivas"... Eu queria saber quem são estes africanos? Para que África seria essa discussão?

Teresa : Então, sobre os futuros a gente não vai discutir, não é? Mas este Conselho [CODESRIA] foi criado, numa altura... em 1973, primeiro ele foi criado como uma organização pan-africana na área das ciências sociais e humanas, mas vocês podem ver a história passada lá na página... no sítio do CODESRIA.⁵ O problema era: como resolver as dificuldades existentes nas áreas das ciências sociais e das humanidades em África?, numa altura em que havia alguns obstáculos a enfrentar nos países independentes, na área do ensino superior, sobretudo neste período da fundação... depois o Conselho foi crescendo. Como é que o Conselho é constituído? Vão perceber como é que abrange o continente africano todo. Nós temos a África dividida em regiões: África do Norte, onde a maior parte das pessoas fala a língua árabe; temos a África Austral, onde as pessoas falam inglês é só Angola e Moçambique falam português; e temos a maior parte da África Ocidental e uma parte da Central, que falam francês; e depois temos a África Oriental, onde se fala árabe e inglês. Então, o Conselho é constituído por uma assembleia geral, em termos organizativos, e essa assembleia geral elege o seu conselho executivo. O conselho executivo tem as sub-regiões que eu mencionei, tem dois membros que são provenientes dessas sub-regiões, e soma o número de sub-regiões. Na África Ocidental que é uma área maior, ela tem mais membros que a podem representar, porque é uma área com muitos países: tem a parte inglesa e a parte francesa. Então, tem os da parte inglesa e os da parte francesa. Sem contar com os de língua portuguesa.

A ideia que presidiu a esta organização relaciona-se com a necessidade de garantir uma representatividade do continente. Como a África é muito grande e diversa, tentava-se garantir uma sensibilidade maior para as diversas sub-regiões, através da presença de membros do conselho executivo originários desses lugares.

Inicialmente, neste conselho, só se falavam duas línguas, que é o inglês e o francês, uma vez que as pessoas falantes de árabe ou língua portuguesa são minorias. As políticas de inclusão da organização, quer seja em termos de sexo, religião ou língua, entre outros, levou à introdução de línguas minoritárias em certos encontros, como o árabe e o português, particularmente durante as sessões da Assembleia Geral. Hoje, o CODESRIA tem uma direção feminina, pela terceira vez consecutiva, com uma presidente e uma vice-presidente, sendo que nos dois mandatos anteriores teve também duas mulheres presidentes, provenientes de regiões diferentes e igualmente falantes de línguas diferentes.

Então, a função do CODESRIA qual é? Não é uma organização não-governamental nos moldes mais comuns. Ela é uma organização criada por académicos com o objetivo de desenvolver as ciências sociais em África. Quando criou a sua sede no Senegal, recebeu do governo deste país um estatuto especial de corpo diplomático, para além do espaço que lhe foi cedido para escritórios.

Agora, como é que ela chega, por exemplo, a Serra Leoa? Para responder às suas inquietações, se olhar para quem foram os presidentes do CODESRIA, vai ver que os primeiros presidentes do CODESRIA são originários de diversas regiões do continente: Congo, Gana, Tanzânia, Nigéria, Burkina Fasso, Uganda, Etiópia, Moçambique, Zimbábue etc.; e através desses membros do conselho executivo e dos seus membros regulares é que a organização chega a todos os países. Há também programas específicos para apoiar instituições de ensino e pesquisa e acadêmicos em situações de risco; por exemplo, quando há governos autoritários, falta de liberdade acadêmica, conflitos e situações políticas que afetam essas regiões. Há na história do continente situações de acadêmicos que têm que se exilar, que têm uma série de problemas políticos que atentam contra os direitos humanos e o CODESRIA está sempre pronto para ajudar. E uma das reuniões anuais que se faz em vários países ou regiões é sobre liberdades acadêmicas, justamente para tentar cobrir os problemas dos países onde os acadêmicos não têm voz e onde há lideranças autoritárias.

O CODESRIA é uma organização pan-africana e ela cresceu bastante, mas ela não é doadora, ela recebe financiamentos externos para desenvolver as suas atividades. Entre elas promove uma série de encontros científicos, além da assembleia geral que se realiza de três em três anos e que tem a parte administrativa e a parte acadêmica. Também realiza uma série de reuniões em vários locais, envolvendo regiões específicas do continente. E ela tenta principalmente trabalhar com universidades públicas, que são aquelas que, às vezes, têm mais problemas, ou com instituições de pesquisa públicas ou não. E a ideia é tentar apoiar essas instituições acadêmicas e instituições de pesquisa, quer através de seminários e institutos de formação, por exemplo sobre metodologias de pesquisa; como escrever artigos científicos, ou para discussão de temas sobre mulher e gênero, liberdades acadêmicas, e outros temas importantes para o reforço da formação e discussão de assuntos candentes para o continente. O CODESRIA oferece ainda algumas bolsas de estudo para a escrita de teses de mestrado e doutorado e para temas específicos de pesquisa. Na área da pesquisa criou ainda uma rede de grupos de pesquisa que podem ser nacionais, regionais ou podem envolver outros países. Onde faz o financiamento, fornece a bibliografia e apoia a publicação dos resultados. Na promoção das suas atividades o CODESRIA sempre procura discutir os problemas mais candentes que afetam o continente africano e o universo e estimula a cooperação Sul-Sul. Um dos grandes parceiros do CODESRIA é a CLACSO da América Latina com quem tem relações muito próximas.

As atividades acadêmicas que acabei de referenciar são totalmente subsidiadas pelo CODESRIA, garantindo assim uma participação de estudantes, acadêmicos e instituições em redes e programas de pesquisa em todo o continente, independentemente da sua condição econômica.

E há também uma relação muito próxima com organizações similares que funcionam no continente africano. Tendo por objetivo diminuir cada vez mais as desigualdades baseadas em várias formas de discriminação entre as quais as geracionais e de gênero, o CODESRIA tem uma grande preocupação com a igualdade de gênero. Para além de outras atividades, todos os anos se realiza um evento sobre gênero, que tradicionalmente tem lugar no Cairo, Egito. Aqui se discutem temas específicos ligados à mulher em África, e são discussões de caráter teórico de excelente qualidade.

O CODESRIA tem ainda um setor de publicações que abrange publicações periódicas, monografias e outras publicações, com o objetivo de criar oportunidades de divulgação de pesquisa. A maioria destas publicações são colocadas online e são de acesso gratuito, uma forma de apoiar os acadêmicos cujas instituições têm dificuldades de providenciar literatura atualizada.

Não sei se assim respondi as suas questões.

DENISE : Era isso mesmo.

Teresa : E há muitos brasileiros que vão às reuniões do CODESRIA, pois como eu disse há parcerias com a América Latina.

DENISE : E eu estava olhando... eu fiz essa pergunta e eu entro no site, sobre a questão de Serra Leoa, o tanto de material que é produzido, só para abrir um parêntese, um monte de material produzido, e um material denso, não são apenas cartilhas, materiais densos que são disponibilizados para todos. Eu fiquei realmente impressionada. Os livros são disponibilizados de forma digital.

SILAS : Agora vamos voltar para a história de Moçambique. A primeira questão é sobre a escrita biográfica. A senhora tem voltado sua atenção para a escrita biográfica de diversos atores. Quem são estes atores?... Quem são estes atores que estão lançando biografias com as memórias? Será que estas memórias desafiam uma crítica da história oficial moçambicana? Elas trazem elementos novos para a gente pensar a história de Moçambique?

Teresa : Elementos novos sempre trazem. Porque como eu disse, o tal volume da história dos movimentos de libertação que foi escrito foi guardado na gaveta pelo Departamento do Trabalho Ideológico e não foi tornado público. Há assim uma fome de conhecimento sobre uma fase da história de Moçambique. Durante muitos anos, nós não encontramos nenhum desses personagens, que estiveram na guerra de guerrilha, a escrever sobre suas memórias. Mas no entanto há um livro, que eu acho que representa uma situação completamente diferente que é de... Honwana, pai do Luis Bernardo Honwana, escritor... que quando ninguém fazia autobiografias, ele escreveu uma ... que ... a terceira edição está nesta coleção... *Memórias...* de Raul Bernardo Honwana.⁶ A primeira edição foi publicada como edição de autor ... e é uma história muito interessante, Então, ele conta a sua história de vida e como ele educou e criou os filhos... Então, ele conta a sua história de vida, e foi com a ajuda dos filhos que foram gravando e estimulando o pai para escrever as suas memórias que esse livro saiu, numa altura em que ninguém escrevia as suas memórias.

Agora, nós começamos a encontrar um processo em que primeiro temos uma grande produção editorial em Moçambique, embora não circule internacionalmente, uma vez que tem problemas de comercialização; e se nós alinharmos uma boa parte dos livros que são publicados que são autobiografias, praticamente todas aquelas pessoas foram guerrilheiros. Então, eles contam a sua história de vida, mas ligada à luta armada de libertação nacional. Há uma biografia do presidente Armando Guebuza, que se chama *Biografia Autorizada*. Tem uma outra biografia que se chama *Biografia Autorizada ...* é de Josina Machel que também é heroína nacional, que foi a primeira esposa do presidente Samora Machel. Então, neste momento, nós temos um presidente que acabou agora o seu mandato, que nos trouxe a conhecimento através de várias homenagens, centenas de heróis do país todo, alguns dos quais, que eu nunca tinha ouvido falar. Todos estes heróis, tirando um ou outro, são pessoas que fizeram a luta armada de libertação nacional. E naquele texto de Éric Morier-Genoud⁷ sobre os nacionalismos ... Eric tem

uma introdução onde fala sobre essa questão. Além dos monumentos, nós temos uma cripta dos heróis, que fica na cidade de Maputo, na Praça dos Heróis, e só há duas pessoas que estão lá que não são da luta armada, que é o escritor Craveirinha e o maestro Chemane que fez o primeiro hino nacional. Isso acontece no tempo do presidente Chissano. Então, aos heróis que são instituídos no governo do primeiro presidente que é Samora Machel, há uma quebra que é feita pelo governo de Chissano, depois novamente retomada pelo de Guebuza quando se declaram estes heróis nacionais, que mesmo tendo sido nacionalistas, não participaram pelo menos diretamente na luta armada de libertação nacional.

Então, a questão colocada naquele texto que vocês receberam, de João Paulo Borges Coelho,⁸ é se a história de Moçambique, a partir de 1960, se ela se limita à história da luta armada de libertação nacional. Embora seja uma história importante, ela vai para além disso, e essa é a questão que é levantada. No site da revista *Kronos* [*Kronos: Southern African Histories*],⁹ vocês encontram escritos sobre a memória tendo Moçambique como um estudo de caso, embora situações não seja só com a história de Moçambique que ocorram estes casos de manipulação da História e da memória. Em África nós encontramos muitos países que tiveram lutas armadas de libertação nacional ou movimentos nacionalistas sem lutas, onde a história que precedeu as independências acaba por ficar muito circunscrita aos movimentos nacionalistas. Então, há essas interrogações do João Paulo Borges Coelho, mais as interrogações que dizem respeito a Moçambique: Por que é que de acordo com a lei dos arquivos, a FRELIMO não abre os arquivos da FRELIMO ao público? Por quê? De acordo com a lei internacional dos arquivos, depois de quase quarenta anos eles deveriam ser públicos. Então, eu acho que começa a haver algumas críticas de alguns acadêmicos sobre essa situação “repressiva” em Moçambique ou em outros países relativamente ao acesso à informação, porque é preciso rever a questão do... da reanálise dos movimentos nacionalistas.

Tem aqueles estudos do [Michel] Cahen¹⁰ que são muito provocatórios. Estou de acordo com algumas das questões que ele levanta, mas não na totalidade. Também não temos que estar de acordo uns com os outros, e o debate é fundamental na academia. Mas em Moçambique, há uma produção sobre a história dos movimentos nacionalistas que foi feita maioritariamente por pessoas da minha geração. Depois ficou um vazio de produção escrita sobre este tema. É preciso retomar a história do desenvolvimento dos nacionalismos em África e repensá-la, e repensá-la em função dos dias de hoje. Acho que este é um desafio colocado pelo Éric Morier-Genoud sobretudo para Angola e Moçambique, talvez porque haja mais produção publicada, sobre estes países.

SILAS : Professora, você falou dessa necessidade de re-historicizar, porque parece que, a partir dos anos 1960, tudo se resume à luta de independência. A gente vê, por exemplo, na história de Moçambique, eles [autores] dividindo entre o período colonial, a luta de independência e o pós-colonial. Isso, eu penso assim... parece que destacam-se as rupturas e mudanças, mas negligenciam-se algumas continuidades. Será que não há uma outra forma de historicizar? O que pode e o que tem sido feito para a gente pensar também as continuidades nos processos?

Teresa : Então, normalmente quando nós periodizamos, encontramos marcos. E para os moçambicanos a independência é um marco muito importante. Mas, por exemplo, viram no outro dia, que para os economistas que analisam a economia política de Moçambique, o marco não é 1974 ou 1975, é 1973, porque 1973 é o pico do desenvolvimento da economia colonial. Há também que tomar em consideração o uso

alguns conceitos, como por exemplo, Estado Colonial e Estado pós-colonial e o seu significado, ou Estado-nação. É importante repensar os contextos em que usamos estes conceitos. Voltando aos marcos históricos, a luta armada de libertação nacional para mim é um marco muito importante na história de Moçambique; assim como quando Moçambique adere ao neoliberalismo, mesmo que seja um marco econômico, para mim é um marco muito importante;... acordos de paz... para mim também são marcos importantes. Então, o problema não são os marcos que nós escolhemos, é que nós temos que mostrar que as rupturas têm muitas continuidades, não há rupturas sem continuidades. Nós próprios discutimos nas nossas aulas que é preciso verificar porque que há persistências. Se nós falamos das elites é porque há alguma persistência, por que é que hoje nós continuamos a encontrar determinados tipos de exploração?, de onde vêm essas persistências? Há muitas continuidades nos processos de rupturas. Não há nenhuma ruptura que seja completa sem que haja uma continuidade. Quem são as pessoas que governam o país depois da independência? De onde é que elas vêm? Onde é que elas foram educadas? Então, há sempre continuidades.

Meu problema não é tanto... talvez porque vocês são antropólogos, não é? [risos] É uma realidade, para os historiadores, sempre... a gente pergunta assim para os estudantes: “Mas qual é o seu período ... que você vai estudar?” Porque é muito importante nós sabermos por que é que eu estou a estudar esse período e não estou a estudar outro. E a sua pergunta é típica de um antropólogo... Eu costumo dizer que não sei se eu sou historiadora. Porque eu trabalho com a História Social, e a História Social está nas fronteiras. E os antropólogos dizem: “Mas tu passas a vida inteira no campo”, eu faço muito campo, “isso é dos antropólogos.” Eu digo: “Não é de ninguém!” [risos] Porque eu faço muito campo, eu uso metodologias de pesquisa tomadas de outras disciplinas. Parece-me quase impossível hoje em dia, produzir conhecimento fechado nas paredes de uma disciplina. Mas para mim, eu acho que, como historiadora, é preciso definir o período que eu quero tratar, mesmo que não seja rígido, porque me ajuda a definir o meu próprio objeto de estudo. É, por isso, que vai encontrar muitos marcos, mas também vai encontrar os economistas a fazer a mesma coisa. Vê o texto do Marc Wuyts¹¹.... Porque não há fronteiras, cada vez há menos fronteiras, as fronteiras não existem entre as disciplinas, já morreram há muito tempo.

SILAS : O Antonio tem umas questões, também sobre a história de Moçambique.

Teresa : O Antonio é da antropologia também, não é? [risos] Conhecem a história da antropologia em Moçambique?, depois da independência, não é? Quando nós fomos lá para o Centro de Estudos Africanos era uma guerra que se fazia contra a antropologia, porque era aquela ideia de que a antropologia ela sempre esteve ao lado do colonizador e, principalmente, dos administradores coloniais. Pensando bem, eu dizia: “Mas e a história?, também estava.” Porque a história que eu estudava era a história colonial. Então, é uma ideia errada desqualificar os antropólogos; e ninguém queria ser antropólogo naquela altura, porque eram muito desqualificados.¹²

ANTONIO : Teve também a dificuldade da filosofia, não é?

Teresa : Mas a filosofia não foi desqualificada, não foi porque ninguém quis instituir a filosofia no ensino superior, naquela época.

SILAS : No Centro de Estudos Africanos não tinha antropólogos?

Teresa : Inicialmente tinha só uma antropóloga que era a Bridget O’Laughlin.

ANTONIO : Professora, a história de Moçambique é marcada por essas rupturas e continuidades, muitas rupturas e essas persistências. A gente vê ali, acabou o período da escravidão e praticamente foi substituído...

Teresa : Só mudou o nome. [risos]

ANTONIO : Mudou o nome. [risos] Entraram em cena as Companhias Majestáticas e continuaram fazendo o mesmo processo, as pessoas eram trazidas para as Américas e deixou esse movimento e as pessoas, então, do sul, começaram a ser vendidas para a África do Sul, do centro e norte para os países vizinhos ali. Em termos de organização social das populações, dessas pessoas que eram retiradas, elas viviam em aldeias, em lugares que tinham uma ordem social estabelecida. E a questão que coloco aqui é: qual foi ou qual teria sido o impacto da instalação das companhias, quando a gente vai olhar para essa movimentação, essa retirada maciça de gente voltada sempre para fornecer ao mercado externo? O que representou, então, para essa ordem social estabelecida já antes, essa drenagem de mão-de-obra para os países vizinhos? Tendo em conta que havia já o processo da escravidão que parou e aqui a instalação das companhias que a movimentação de mão-de-obra continua.

Teresa : E a presença dos mercadores, não é? Porque depois do pós-abolição, continuavam com chefes a fazer o mesmo mercado de pessoas, por aquelas regiões de Angoche, Niassa, por ali. Então, isso é um pouco do que a gente discutia, embora rapidamente nas últimas aulas. Quando nós dizíamos que as rupturas têm continuidades, nós vamos encontrar esse processo de alteração das estruturas familiares, a forma como esse sistema de colonização destruiu os Estados e as estruturas políticas, e as formas de organização das famílias. É só olharmos para a exportação de mão-de-obra, quer seja para a África do Sul ou seja para as plantações internas, seja para os países vizinhos, nós vamos ver até pelo pequeno exemplo que nós demos uma vez numa aula, que as mulheres se recusaram a receber as sementes do algodão porque os maridos já estavam a fazer trabalho forçado. Que há uma desestruturação completa, onde as famílias ficam responsáveis por reproduzir a força de trabalho, porque as mulheres ficam sozinhas, têm que fazer as *machambas* para sustentar a família, e acabam por muitas vezes ter que trabalhar para pagar o imposto, porque o marido foi embora por causa do trabalho forçado. Depois nós vamos encontrar também a forma do habitat, em que nós vamos encontrar os *aldeamentos coloniais*, em que as pessoas têm que mudar sua forma de vida para viver em aldeamentos, para evitar sua relação com os guerrilheiros. É interessante quando a gente vai para Cabo Delgado, e vê como as pessoas ali vivem, tem um reflexo muito grande desses aldeamentos, as pessoas vivem ainda em aldeias que me fazem lembrar muito a forma como os aldeamentos foram construídos. Depois temos as *aldeias comunais*, que também têm o mesmo processo, quando nós falamos em rupturas e continuidades...

SILAS : Os aldeamentos começam no período colonial, antes da década de 1960?

Teresa : Principalmente quando a guerra começa na década de 1960 é que as pessoas vão para os *aldeamentos*... E depois tem também aquela *colonização negra*, como a gente veio a chamar os colonos negros ao lado dos colonos brancos. Nós vamos ver desde o momento em que nós encontramos missionários e colonizadores em Moçambique ou em outros lugares da África, que há uma desestruturação permanente das comunidades que já existiam, quer fosse sob forma como elas estavam organizadas, fosse pela escravatura, fosse pela criação de companhias, o problema do comércio, depois as guerras que continuam até hoje, trazendo uma desestruturação completa e permanente das comunidades que vai até os nossos dias. Moçambique é um exemplo entre tantos outros que há.

Agora, as comunidades continuam a ser desestruturadas, não vão para *aldeamentos*, não vão para *aldeias comunais*, mas são retiradas das suas terras porque se descobriu carvão, ou petróleo, ou o gás ou diamante, e são colocadas em outros lugares, que não têm nada a ver com suas formas tradicionais de produção. Então, há uma desestruturação permanente dessas comunidades. E a desestruturação significa o quê? Desestruturação das suas relações sociais, formas de solidariedade e de família, que ensinam as pessoas como resolver os seus problemas. Por exemplo, Moçambique que foi durante muito tempo, e ainda é, ciclicamente dominado por aquilo que nós chamamos “as calamidades naturais”, com regiões marcadas por secas ou por cheias. E tradicionalmente as pessoas têm formas de proteção da natureza --no Brasil também têm ou em qualquer sítio do mundo-- proteção da natureza, preservação das florestas, das águas, sabem como se proteger se há uma seca ou se há uma cheia. Hoje, não sabem mais, porque as comunidades foram completamente desestruturadas. E não estou a falar de uma tradição estática, estou a falar dos conhecimentos, o aprendizado das pessoas vai adquirindo com o evoluir do tempo, porque as pessoas não ficam toda a vida com os mesmos conhecimentos, mas vão aprendendo e incorporando novos saberes nas sociedades. Então, isso é um problema gravíssimo e que acontece nos países chamados subdesenvolvidos, e nos outros também, mas aí é pior.

Agora, o que é interessante ver é que as pessoas também aprenderam que têm os seus direitos de cidadania, embora eu sempre diga que a democracia em Moçambique é sempre entre aspas, a verdade é que, nas últimas décadas, mesmo sendo essa democracia sendo entre aspas, as pessoas também aprenderam com o desenvolvimento das tecnologias e meios de comunicação, que elas também podem ter outros direitos, e podem reivindicar. Então, essas mudanças também ajudam a ver as coisas de outra maneira quando nós estamos a analisar essas sociedades ditas tradicionais. Porque a tradição não é estática, e a “África do ontem” e a “África do hoje” existem dentro de um processo de transformação. Não há uma África vista numa perspectiva dualista; a “do ontem” e a “do hoje”, não existe mais, isso só existe na imaginação das pessoas. Como há essa ponte, as pessoas também aprendem que à medida que as suas comunidades são desestruturadas elas podem reorganizar-se utilizando outros meios e fazendo apelo aos seus direitos de cidadania. O que não significa que não sejam exploradas...

SILAS : Têm suas táticas ali.

Teresa : É, vão adquirindo outras táticas... De qualquer maneira, tem havido uma desestruturação permanente, consistente e consciente. Cada sistema capitalista desenvolve os seus meios de desestruturar as comunidades, cada vez mais com o uso de formas mais sofisticadas, e o problema é que os sistemas são tão sofisticados que podem enganar qualquer um. Como aquele texto que vocês receberam, daquela empresa Anadarko, aquilo é uma coisa sofisticadíssima. Uma pessoa dirá: “Mas como é que esses camponeses são explorados? Não são explorados coisa nenhuma.”

ANTONIO : Tem aquela questão que foi colocada [nas aulas], de uma região que tem um cemitério e as pessoas tem que ser pagas porque tem recursos ali. Até que ponto...

Teresa : ...a cultura das pessoas conta para alguma coisa?

ANTONIO : Isso.

SILAS : E removeram o cemitério?

Teresa : Porque lá havia uma coisa que se chama “areias pesadas”, um mineral que se chama “areias pesadas”, não sei o que é. Então, o Estado deu um DUAT, Direito de Uso e

Aproveitamento de Terras, para uma multinacional e esse DUAT incluía um terreno que era um cemitério de uma comunidade.

SILAS : No norte de Moçambique?

Teresa : Sim... E, de acordo com a lei, as pessoas eram indenizadas... Depois de muita resistência, eles aceitaram mudar o cemitério, mas a mudança implica cerimônias, porque a relação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos é uma relação muito forte. Só que eles trataram os ossos como mercadoria, meteram em caixas de embalagem e despacharam, e misturando os ossos, para eles não fazia nenhuma diferença. Tem um texto *online* sobre isso.

ANTONIO : Tem outra questão aqui, professora. O período de 1930 até 1960, nós temos ali a consolidação do programa de Salazar que, depois, foi continuado por Marcelo Caetano. Para a história de Moçambique, o que representou esse período?

Teresa : Esse período, para mim representa a imagem mais cruel daquilo que é um sistema colonial que é governado por um nacionalismo arraigado em princípios que visavam proteger a burguesia portuguesa. Para mim é o período mais cruel de todos que Moçambique viveu desde que as fronteiras foram traçadas, porque elas foram traçadas artificialmente, e desde que aquele bocado de terras passou a ser chamado Moçambique. É o período mais cruel em todos os sentidos, porque nós temos esse nacionalismo forte que é baseado na exploração ... na tal nova forma de escravatura, é uma nova forma de escravatura das pessoas: explorar o máximo possível, violando qualquer possibilidade de direito humano e tratando da forma mais indescritível possível o outro, em termos de desqualificação do outro, na base da raça, da religião, tratando as pessoas não como seres humanos. Para mim é o pior período pelo qual Moçambique passou, porque é o período mais duro. Por essa razão é que há guerra, não é por acaso. Uma leitura muito atenta da História de Moçambique vai encontrar violência completa do regime e principalmente quando é criada a PIDE, porque a PIDE é o braço da agressão que se faz contra as pessoas. E essa agressão nem sempre é uma agressão física, é um processo de humilhação total das pessoas.

SILAS : Você citou os aldeamentos que o regime colonial criou, o Antonio tem uma pergunta neste sentido.

ANTONIO : Poderia nos dizer qual era a diferença entre aldeamentos, zonas libertadas e aldeias comunais. Por exemplo, Portugal jamais tinha pensado que um dia iria conceder a independência às suas colônias, isso era uma impossibilidade. Na medida em que a consciência política, não só de Moçambique mas de muitos países africanos, foi crescendo e tudo mais, e aos poucos, com esse instrumento da repressão, muitas manifestações nacionalistas foram reprimidas... até que estourou a guerra colonial. Então, o que acontece, devido a esta guerra, nós tivemos aí o surgimento das zonas libertadas aí, depois tivemos, concomitantemente, as aldeias comunais, não é?

Teresa : Não, as aldeias comunais só surgem depois da independência... Os aldeamentos.

ANTONIO : Os aldeamentos... Essa preocupação constante que eles tinham de que a população poderia estar apoiando os guerrilheiros. Então temos aí o surgimento dos aldeamentos. E, depois, temos o outro projeto que seria o das aldeias comunais.

Teresa : Inspirado no socialismo de [Julius] Nyerere, nas *ujamas*, não é?

ANTONIO : Então, a questão que está sendo colocada aqui: qual era a estrutura destes modelos?, como era a vida nas zonas libertadas?, como era a vida nas aldeias comunais e nos aldeamentos?

Teresa : Não estudei *aldeamentos*, não é? Terão que estudar o João Paulo Borges Coelho que fez uma tese sobre aldeamentos,¹³ não é? Mas a ideia básica dos aldeamentos era... Em Moçambique, o tipo de habitat é disperso, tradicionalmente as pessoas não viviam... não viviam tradicionalmente como se fosse uma vila ou uma pequena aldeia organizada, mas a distância entre a casa de uma família e outra normalmente é muito grande e, hoje, ainda se vê muito; no norte se vê menos, por causa do impacto da guerra, não é?; mas no sul sim, se vê muito ainda, uma pessoa anda muitos quilômetros para encontrar a próxima família. Porque as pessoas em redor, por causa do tipo de agricultura que faziam, não é?, precisavam de muitas terras para fazer agricultura, e começa a haver um tipo de habitat diferente, porque as pessoas são obrigadas a viver numa aldeia onde as *machambas* estão longe, onde as coisas que normalmente as pessoas... *machambas* são os terrenos de agricultura, como se chama aqui?

ANTONIO : As fazendas.

Teresa : As fazendas... fazendinhas, não é?

SILAS : A roça, o roçado.

Teresa : É, roça talvez... As pessoas estão habituadas a viver de uma maneira e têm que viver de uma outra maneira. E os *aldeamentos* são extraordinariamente controlados, não é? São controlados pela polícia para evitar... pela polícia não, pelos militares, não é? Onde há muitos *régulos*, mas que também são cooptados pelo regime. Então as pessoas estão muito controladas, e não estavam habituadas a viver num sistema de controle como esse. Depois, as *zonas libertadas* é o quê? Por que se chamam *zonas libertadas*? A FRELIMO tinha a sua retaguarda estratégica... [Teresa volta-se ao mapa físico da África] Nós temos Moçambique, não é?, Zimbábue aqui que era a Rodésia, depois aqui nós temos a África do Sul, mas aqui para cima nós temos aqui a Zâmbia, o Maláui onde é que está aqui?, o Maláui, e depois temos cá em cima a Tanzânia. Então, aqui era a área onde estava a sede da FRELIMO [Teresa aponta para a região da fronteira entre Moçambique e a Tanzânia], portanto os primeiros ataques armados se fizeram daqui para aqui. Ou seja, atacava aqui [Teresa aponta para o norte do território de Moçambique, onde fica a província de Cabo Delgado] e voltava para trás e tinham um refúgio [Teresa aponta o sul do território da Tanzânia], não é?, porque era meia dúzia de guerrilheiros, alguns dos quais tinham recebido um treino muito rápido dado pela China ou pela União Soviética, os primeiros grupos, não é?, que se organizaram.

Então, os países vizinhos serviam de retaguarda estratégica, até aqui essa zona, não é?, porque descer para aqui foi uma outra história, só acontece, em 1972, para ultrapassar o rio Zambeze para o sul. À medida que as populações se aliaram à FRELIMO, a FRELIMO começa a controlar, dentro do território nacional, algumas áreas. Então, essas áreas se chamam *zonas libertadas* porque os soldados portugueses não entram lá, são áreas controladas onde a FRELIMO cria a sua administração, tem escolas, sistemas de saúde, comércio, porque as pessoas produzem, tem que se vender o produto para as pessoas poderem viver.

Então, tem um sistema organizado que alguns autores chamam “o Estado dentro de outro Estado”, por essa razão. Não tem nada a ver com o sistema dos *aldeamentos* nem das *aldeias comunais*, as *aldeias comunais* são outra coisa. Se vocês lerem *A formação do*

Estado, no livro de Anna Maria Gentili,¹⁴ lerem como é que ela, no geral, classifica a forma como uma boa parte dos Estados africanos se formaram depois da independência; entre outras coisas, ela fala de alguns países que instituíram um socialismo africano, não é?, o regresso à africanidade partindo do princípio que nas sociedades que existiam antes da colonização, que havia uma certa forma de igualdade, não é? Então, uma tentativa de recuperar isso também aparece um pouco com o socialismo de Julius Nyerere, que cria a *ujama*, que quer dizer a família, não é? Então, a ideia é que as pessoas pudessem viver uma sociedade mais igualitária e Moçambique traz essa ideia da *ujama*, para implantar em Moçambique. Como havia um habitat disperso, a ideia era que... criando uma *aldeia comunal* era fácil ao governo providenciar o bem-estar das pessoas, porque era fácil num habitat organizado manter água, saúde, escola. Quer dizer, a ideia teoricamente era boa, não é?, só que não tomou em consideração que essas pessoas têm determinadas ligações com as suas culturas, porque isso foi esquecido. E como também diz muito bem a Anna Maria Gentili, quando isso é esquecido passa a ser tratado também como obscurantismo, não é?, dentro duma política que se inspira também no marxismo, que essas coisas tradicionais são obscurantismo, regionalismo, todos os ismos, não é?, só o marxismo é que não era mau.

Então... as pessoas não se adaptam e não querem viver ali naquelas *aldeias*, porque se sentem num ambiente que não é o seu. Primeiro, as *aldeias [comunais]* não tomam em consideração, uma boa parte delas, não tomam em consideração onde fica a água, a *machamba*, que é feita... a roça, não é?, onde há água é onde há roça, as árvores de fruto que as pessoas tinham semeado lá, os seus mortos, então isso não é tomado em consideração, isso faz parte dos ismos, não é? E, portanto, as pessoas não ficam felizes nas *aldeias comunais* e nalgumas alturas nós vivíamos com *aldeias* bonitas, bem construídas com arruamentos, mas que estavam vazias, as pessoas só iam lá, às vezes, dormir e tinham que andar muitos quilômetros para ir às zonas de produção. De fato, é uma situação diferente do *aldeamento*, não é? Mas teoricamente era uma ideia bonita e havia outra ideia ainda, é que todas as... como é que é *farms* aqui?

SILAS : As fazendas.

Teresa : Fazendas... todas as grandes fazendas: plantação de chá, de cana-de-açúcar, ou do que quer que fosse, foram nacionalizadas, então se criaram *unidades estatais*, e a ideia era que essas grandes unidades agrícolas, que eram estatais, não é?, deveriam dar emprego às *aldeias comunais* que eram criadas ao pé dessas grandes unidades. E, depois, seria obrigação dessas grandes unidades estatais que praticavam a agricultura, ensinar aos camponeses como fazer uma agricultura mais produtiva. Portanto, haveria uma ligação entre a *aldeia comunal* e uma *unidade estatal*: uma fábrica ou um terreno de agricultura, alguma coisa. Só que essa relação não se criou e, portanto, o projeto falhou. Porque uma das grandes críticas que se faz ao governo socialista, num país que era um país em desenvolvimento agrícola, é que todas as políticas agrícolas falharam. Em Moçambique as políticas agrícolas têm falhado. O governo não conseguiu encontrar a política agrícola mais apropriada. Portanto, todas as pessoas que foram prejudicadas com esse socialismo foram os camponeses que são a maior parte da população. Todas as políticas agrícolas falharam, a forma de organização dos camponeses falhou, não é?; então, é mais ou menos isso.

SILAS : A senhora falou de uma ideia de unidade nacional. O Antonio também falou dos chamados pais fundadores do nacionalismo moçambicano e tem essa ideia de unidade. Agora, entre eles havia divergências, havia outros modelos?

Teresa : Eles quem?, os da FRELIMO? Quem eram os pais fundadores?

ANTONIO : Os nacionalistas moçambicanos.

SILAS : Os nacionalistas moçambicanos... Porque eu penso em Angola. O professor Carlos Serrano mostrou na tese dele⁷⁵ que em Angola, no princípio, no programa do MPLA, tinha ideias diferentes, duma federação de "nações" e coisa e tal, e que foi abandonado. Na FRELIMO havia isso?

Teresa : Na FRELIMO também... O caso de Angola é um caso muito diferente de Moçambique, mesmo em termos de formação nacionalista. Primeiro, toda a relação que eles têm com o Congo, não é?, as influências que eles recebem do Congo, e toda a relação que eles têm com o Atlântico, e a proximidade que eles têm da Europa, cria uma situação diferente daquela que existe em Moçambique, mesmo em termos de processos de assimilação, a escrita, é completamente diferente da situação de Moçambique. Mas em Moçambique, quando a FRELIMO se cria, ela se cria logo com alguns problemas também, não é?, e não é por acaso que no momento há um documento que é produzido pela FRELIMO que se chama *A triste situação da FRELIMO*, acho que é assim, não é? Então, começa a haver divisões no seio da FRELIMO que têm a sua origem naquela história que eu vos falei do algodão em Cabo Delgado e das associações.

As pessoas daquelas associações de Cabo Delgado, elas achavam que nas *zonas libertadas* elas poderiam fazer a mesma coisa, não é?: produzir, vender e ganhar dinheiro que fosse também para o benefício individual. Então, as primeiras cisões que têm a ver com o que é que as pessoas pretendiam com a luta armada de libertação nacional, que a FRELIMO interpreta como as duas linhas, eles chamam a linha dos que desejavam transformar Moçambique na nova forma de capitalismo, e a outra linha que alguns autores tratam por radicais, outros dão outros nomes, e na história da FRELIMO chama-se "Crise das duas linhas". Mostram que as pessoas têm ideias diferentes daquilo que querem de Moçambique. Mas nós precisaríamos que a FRELIMO abrisse os seus arquivos para percebermos bem o que foi essa crise no seio da FRELIMO. Que [Eduardo] Mondlane [1920-1969] foi assassinado, é verdade, por uma carta-bomba que se diz que foi enviada pela PIDE, mas também porque havia dissidências internamente, não é? Não é por acaso que Mondlane é assassinado. E quando Samora Machel sobe ao poder, a FRELIMO diz que resolveu o problema das duas linhas.

Olhando para a mais recente história da FRELIMO, neste momento, eu acho que a FRELIMO não resolveu os conflitos internos, porque há muitos conflitos com outras características hoje, mas que parecem ter raízes antigas. E eu estou a usar umas palavras que não são minhas, estou a usar as palavras do Jorge Rabelo que disse uma... que foi secretário do Departamento Ideológico que disse aos estudantes da minha universidade que o convidaram para ir lá falar, "Que agora a FRELIMO... o problema da FRELIMO agora é que ela tem novos capitalistas." Portanto, podemos fazer uma comparação com aquele tempo em que eles consideravam que havia os novos capitalistas e estes que trouxeram a independência que lutavam por uma sociedade menos excludente; e são os mesmos que lutavam por uma sociedade menos excludente que agora são "os novos capitalistas" -- usando as palavras do Jorge Rabelo.

Portanto, a FRELIMO não resolveu os problemas todos que tinha a resolver, não é? Embora os contextos agora sejam completamente diferentes. Então, um partido no seu

seio também não é linear. Eu acho que era importante nós compreendermos o que se passa hoje no seio da FRELIMO, para nós também percebermos o que vem de trás que não foi resolvido. Embora, agora, os problemas sejam de caráter diferente, não é? No momento, em que o partido no poder, que é a FRELIMO, assume e aceita --também não tinha outra alternativa, não é?-- uma política neoliberal, é evidente que a FRELIMO, de 2014, não pode continuar a pautar-se pelos mesmos ideais da FRELIMO dos anos 1960, seria uma loucura completa, não é?, não pode. As pessoas dizem: “Como Samora Machel seria se estivesse vivo?” Se Samora Machel estivesse vivo eu estou certa de que ele próprio teria que adotar uma política neoliberal perante as pressões do sistema global ou, então, não teria nenhuma hipótese, não é? Essas coisas não são assim: “Se estivesse vivo”, Então, a FRELIMO, como todos os partidos do mundo, tem várias “linhas” e vários problemas, não é?, e esses problemas existiam já, antes, não é? Não sei se respondi.

ANTONIO : Então, neste sentido, a gente vê que houve um descompasso entre aquilo que era o ideal, o projeto que o nacionalismo moçambicano tinha, que era, a independência e a unidade nacional e o resultado. Houve aí um efeito contrário entre que se pretendia, e o que se obteve.

Teresa : Pois é, mas isso aí é o que deu legitimidade à FRELIMO... A legitimidade da FRELIMO é lhe dada precisamente por causa disso, depois da independência em Moçambique a FRELIMO é aceita por todas as pessoas. O [Afonso] Dhlakama era da FRELIMO, quando chegou a independência nacional o Dhlakama era da FRELIMO. O que acontece depois é que, como dizia [Amílcar] Cabral, o problema das revoluções africanas é que elas estão distanciadas da realidade. O problema é que essa ideia, esse sonho de ter uma sociedade mais igualitária, mas baseando-se em princípios que acabavam por estar desligados duma realidade, não é?, é que levaram a que a FRELIMO não tivesse conseguido realizar de fato o seu projeto, que era um projeto muito bonito.

Tem pessoas da minha geração que dizem: “Eu fui enganada pela FRELIMO porque o projeto da FRELIMO era para uma sociedade mais igualitária e a FRELIMO enganou-me”. Não, a FRELIMO não enganou ninguém, não é?, quer dizer, eu não estou arrependida de todas as coisas que eu fiz, porque eu também achava que a gente podia construir uma sociedade mais igualitária, não é? Então, no momento em que não deu, quem quis continuou na FRELIMO e quem não quis saiu, não é? Isso acontece em qualquer lugar do mundo. Não enganaram ninguém, não é? Essa é a realidade, não enganaram ninguém. Enganou-se quem quis deixar ser enganado. Agora, o problema começa aí. Por que é que há guerra? A guerra significa duas coisas: por um lado os interesses da África do Sul e da Rodésia e, em segundo lugar, porque há descontentamento. Se as pessoas estão descontentes elas encontram formas de reivindicar, e se elas estão descontentes e tem alguém que lhes dá uma mão para elas avançarem mais depressa, que é a África do Sul e a Rodésia, então há guerra... Moçambique se torna independente em 1975, em 1976 já está em guerra. Quer dizer, há 50 anos que nós estamos em guerra... Complicado.

ANTONIO : Que foi mais uma forma de desestruturação.

Teresa : Mais outra forma de desestruturação.

ANTONIO : Se a gente for olhar para a questão do impacto da guerra civil, o que poderia comentar em termos da vida social, da economia, educação?

Teresa: Vocês algum dia já leram as estatísticas? Eu não tenho de cor. Mas a primeira coisa é que mais uma vez as pessoas foram deslocadas. As pessoas tiveram que ir para os países vizinhos. A guerra era tão forte que foram para as cidades, camponeses a viverem nas cidades, onde não têm como produzir. Os camponeses foram para as

idades porque era mais fácil protegerem-se nas cidades e centros urbanos. E os que moravam junto às fronteiras foram para os países vizinhos, onde se criaram campos de refugiados. Viver num campo de refugiados é uma desestruturação completa, e também nós vamos encontrar as famílias em situações muito complicadas. A guerra civil, eu acho que houve muita violência da parte do governo e da parte da RENAMO, mas a violência da RENAMO foi muito mais pesada. Há histórias que dão para uma pessoa se arrepiar, que agora ninguém fala... mulheres que foram obrigadas a pilar a cabeça do seu bebê... e outros atos horrendos... Histórias dessas eu só encontro naqueles massacres de Wiryamu lá em Tete, naquelas coisas que os soldados portugueses faziam... quando os bebês choravam metiam a arma na boca do bebê e diziam: “estás com fome” e davam um tiro. Histórias dessas só houve nestes massacres. E houve muita violência. É verdade que o governo colonial fez muita violência, as tropas do governo [FRELIMO] praticaram violência, mas a RENAMO praticou uma violência incrível. Mulheres violadas, crianças soldados, crianças que mataram os pais, mulheres que mataram os filhos, mulheres que foram raptadas, a violência nos campos de refugiados, sobretudo contra mulheres, a violação das mulheres nos campos, é uma coisa indescritível a guerra, não é?, em termos de violação física e psicológica das pessoas, as famílias que foram separadas... as infraestruturas depois da guerra... Os meus filhos nasceram durante o processo da guerra, e eles só conheciam Maputo, eles não conheciam nada, porque a gente não podia ir a lado nenhum, nós ficávamos em Maputo. E a primeira vez que nós saímos, e eles conheceram o país, eles estavam abismados: “Meu Deus, nosso país é tão bonito!” Mas passava-se nas estradas e não havia nenhuma loja, estava tudo partido, não havia nada, partiram o país inteiro, a guerra partiu o país inteiro: as pontes, as estradas, os carros, foi uma destruição horrível. Pior que na guerra colonial, para mim, porque nós não estávamos a destruir uns aos outros. O pior de tudo isso é que nós dividimos o povo moçambicano. As pessoas ficaram divididas... ficaram imensamente divididas. Então para mim a guerra civil é pior que qualquer outra guerra.

Encontramos os sul-africanos que, nos anos de 1980, que usando a desculpa que Moçambique apoiava, que era verdade, não é?, o Centro de Estudos Africanos estava cheio de pessoas do ANC [*African National Congress*], mas estavam lá como acadêmicos. Moçambique apoiava o ANC e o Partido Comunista Sul-Africano... Forças do exército da África do Sul do apartheid entraram num prédio de apartamentos, entram num apartamento e matam a família toda porque eram supostas pessoas do ANC. Não tinham nada a ver, enganaram-se no apartamento e mataram o pai, a mãe e meteram a empregada que estava lá a dormir com as crianças num quarto e fecharam. ..bombardearam de avião uma creche e disseram que era um quartel do ANC. E bombardearam uma fábrica. Quer dizer, coisas muito violentas, coisas extremamente violentas. Lá no meu Centro de Estudos Africanos, a diretora de pesquisa [Ruth First] foi morta com uma carta-bomba lá na instituição. Ela abriu uma carta, estava no escritório com o Aquino de Bragança e com a Bridget O’Laughlin e naquele momento a bomba... numa universidade uma bomba que estoura e mata as pessoas. É muita violência.

DENISE: Ela estava grávida, não estava?

Teresa: A Bridget [O’Laughlin] estava grávida. E a menina chamou-se Ruth, a menina que nasceu, Ruth First... Então, era muita violência, as guerras são muito violentas, mas essa para mim era muito mais violenta. O país ficou partido, ainda hoje nós passamos em alguns locais onde não se vê nada: escolas... a RENAMO destruía tudo que achava

que tinha a ver com o governo. O que a escola tem a ver?... Tem a tese do Luiz Henrique Passador¹⁶ que ele retrata o massacre do Homóine, ele trabalhou ali naquela área, vocês podem encontrar *online*, ele fala do que as pessoas contaram do massacre do Homóine... e ainda hoje há problemas naquela área. Portanto, não se pode descrever o que uma guerra faz. Uma guerra civil é muito pior, porque é uma guerra entre pessoas que não são estrangeiros, são familiares... E nas guerras, as mulheres e as crianças são sempre as pessoas que mais sofrem. As violações são muito complicadas.

SILAS: Professora, a questão dos grupos etnolinguísticos parece que sempre volta...

Teresa : Sempre acham que a RENAMO é dos ndaus.

SILAS: Hoje, por exemplo, o governo tem esse desafio da alfabetização bilíngue. Eu não sei se o governo reconhece esse desafio e... ele mudou a concepção de unidade moçambicana a partir desse desafio da alfabetização bilíngue ou não? Como a senhora vê isso?

Teresa : Sobre a educação bilíngue eu sei algumas coisas, mas não é a minha área...

SILAS : Sobre o reconhecimento dessas línguas.

Teresa: Sempre houve um reconhecimento dessas línguas todas. Agora, noutro dia alguém me dizia que todas as pessoas criticam o governo porque tendo tantas línguas utilizou o português como língua... era chamada “língua de unidade”. De fato, eu acho que alguma língua tinha que ser utilizada como língua oficial, porque a situação do país... é um país com fronteiras artificiais. Mas na verdade, eu acho que mesmo havendo um reconhecimentoeu acho que é um caminho ainda muito longo que é preciso percorrer para resolver essa questão. Não parece que seja possível fazer livros em todas as línguas, seria impossível. Mas que pelo menos que se dê atenção àquelas que têm uma porcentagem maior de população, não é?

E eu acho que esse assunto merecia uma atenção maior, acho eu, do que aquela que é dada neste momento. Embora haja já alguns projetos, mas nós já estamos independentes desde 1975, não é? Então, algo mais devia ser feito. É uma opinião muito pessoal, porque não estou a falar com base num conhecimento científico. Mas eu acho que vocês deviam entrevistar aquele nosso colega, o Elídio [Elídio Miguel Fernando Nhamona], o Elídio que é linguista.

SILAS : Agora tem a questão das igrejas. A sua tese é sobre a contribuição dos protestantes para o desenvolvimento da consciência política dos moçambicanos.¹⁷ Mas na sua tese a senhora falou que, por exemplo, as igrejas, com relação ao papel das mulheres, elas não tiveram uma contribuição efetiva, elas mantiveram a subalternidade das mulheres, a educação para a submissão.

Teresa : Eles não gostam muito que eu fale disso, não é? Mas eu acho que ainda continua hoje.

SILAS: Eu achei importante você ter tocado nisso. E hoje? As igrejas evangélicas e incluindo as pentecostais, elas não têm de alguma forma contribuído para dar autonomia, alguma coisa? O que é que você acha?

Teresa : É, tem uma abertura, mas é relativo, não é? Por exemplo, igrejas *ziones* -- podemos chamar pentecostais?--, as igrejas *ziones* têm um bispo, por influência da África do Sul, que é o *bishop* em inglês, e têm a *bishopa*. Ela só é *bishopa* se o marido morre e ela tem qualidades para ser *bishopa*, não é?... Agora, há muitas mulheres que são consideradas importantes, mas não são líderes na igreja, porque elas conseguem falar em... como chama?, glossolalia... falam outras línguas, elas encarnam o Espírito Santo, elas são médiuns.

SILAS : São as profetisas.

Teresa : Sim, são as profetisas. Portanto, elas conseguem resolver uma série de problemas. Mas entre ser profetisa e líder da igreja vai uma diferença muito grande. Há umas pastoras que eu conheço inclusivamente que eu conheço dessa Igreja Presbiteriana [de Moçambique] que contestam muito o papel da mulher na religião.

SILAS : A presbiteriana tem pastoras lá?

Teresa : Tem pastoras.

SILAS : Aqui no Brasil, não.

Teresa : Mas tem pastoras agora, não é?,... é um processo talvez dos anos 1980, e tem pastoras. Elas são mulheres muito interessantes e contestatárias, não é? Agora, começando pela própria Bíblia ou pelo Alcorão, não é?, em que a mulher tem uma posição subalterna; pecador é sempre mulher, então é muito difícil, às vezes, mudar isso nas igrejas. Mas mesmo nas pentecostais, nas igrejas evangélicas brasileiras, eu acho que elas mantêm ainda uma posição de subalternidade em relação à mulher, é um processo que não se faz de um dia para o outro, é verdade, não é? Mas, por exemplo, essa Missão Suíça que eu estudei, nós também temos que perceber a própria história da Suíça para percebermos a subalternidade da mulher. Foi o último país da Europa onde a mulher teve direito ao voto... o último senão quase o último onde a mulher tinha o direito ao voto. E, portanto, as missionárias, elas eram as esposas dos missionários, não eram as missionárias -- havia as solteiras, não é?, que eram missionárias. Portanto, elas reproduziam aquilo que acontecia também na sua própria situação como mulheres, não é?, e reproduziam na educação. Por exemplo, no trabalho que eu fiz de pesquisa, havia os grupos de jovens... encontrei lá nos arquivos da missão um manual que foi escrito por uma missionária sobre a educação das raparigas jovens. Então, ela dizia: "A educação das raparigas é como um círculo, o círculo representa a casa --porque a palhota no sul é redonda--, a fogueira onde a mulher cozinha, e não sei o quê...", então a mulher era educada para ser boa esposa, boa companheira, e apoiar o seu marido. O marido sim, ela não. Então, as mulheres eram educadas para serem submissas. Agora nós encontramos uma geração de mulheres urbanas que talvez hoje tenham setenta anos por aí, como a Graça Machel, não é? , que ela é dessa geração, a falecida Lina Magaia, apenas para dar alguns exemplos... que fazem o ensino secundário e vão estudar para a Europa. Então, elas têm uma ideia completamente diferente da missão, elas se apropriam daquelas coisas que na missão lhes ensinam que são boas, e "viram a banca", não é?, se diz "virar a banca?"...

Silas : *Sim.*

Teresa : "Viram o jogo"... a seu favor. Mas quantas mulheres urbanas tiveram a possibilidade de alargar o seu horizonte? Muito poucas.

SILAS : Agora uma última questão sobre os diálogos das igrejas. A senhora falou sobre aquelas múltiplas identidades religiosas. Aquele episódio que a senhora presenciou num batismo, como foi aquilo?

Teresa : Quando eu estava com o [Terence] Ranger na praia em Maputo... O que acontece lá, acontece aqui no Brasil. As pessoas fazem trânsitos religiosos e lá também as pessoas fazem trânsitos religiosos. Os trânsitos religiosos tem a ver com as identidades que as pessoas têm. E naquele caso específico, não é?... por exemplo, essas igrejas originárias das igrejas missionárias, mesmo que eles tenham feito aquilo que eles chamaram de uma africanização, não é?, é uma coisa só aparente. A liturgia no

fundo continua a ser a mesma, não responde às necessidades das pessoas. Daí que haja as chamadas igrejas independentes africanas que fazem um corte com essas igrejas ditas missionárias ou de origem missionária, e se apropriam daquilo que lhes interessam e metem rituais da sua tradição cultural, da forma de vestir, as cores, as coisas nas quais elas acreditam, a cura, a ligação com seus antepassados, não é? E, portanto, tentam agregar as suas identidades àquilo que é identidade que as ligam ao cristianismo de alguma forma. Muitos *ziones* que eu encontrei eu perguntei: “Sua igreja como foi fundada?”, muitos disseram: “Ah, porque meu avô foi às minas e trouxe”, outro diz: “Um dia meu avô sonhou e foi inspirado pelo Espírito Santo que disse que ele devia fundar uma igreja”, o outro diz que: “Eu morri, depois eu ressuscitei”, isso tem uma influência do cristianismo, não é?, não morreu e não ressuscitou coisa nenhuma, não é?

SILAS : A gente leva a sério os informantes. [risos]

Teresa : Eu levo a sério tudo. Aliás, já fui abençoada em todas as igrejas lá em Moçambique. [risos] E tenho amigos em todos os lugares, eu tenho amigos *ziones*... na Igreja Universal não consegui arranjar amigos, não é?, mas tenho amigos *ziones*, amigos em várias igrejas.

NOTES

1. CRUZ E SILVA, T. 2001 [1996], *Igrejas protestantes e consciência política no sul de Moçambique: o caso da Missão Suíça 1930-1974*. Maputo: Promédia.
2. CRUZ E SILVA, T.; OSÓRIO, C. 2008, *Buscando sentidos: género e sexualidade entre jovens estudantes do ensino secundário, Moçambique*. Maputo: WLSA. Disponível em: <http://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2014/11/Buscando.pdf>.
- CRUZ E SILVA, T.; OSÓRIO, C. 2009, *Género e governação local: estudo de caso na província de Manica, distritos de Tambara e Machaze*. Maputo: WLSA. Disponível em: <http://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2014/11/Governacao.pdf>.
3. CRUZ E SILVA, T. org.. 2014, *Zedequias Manganhela: uma biografia contextualizada 1912-1972*. Maputo: Marimbiqwe.
4. HEDGES, D. coord.. 1999 [1993], *História de Moçambique*. 2. ed. Vol. 2. Maputo: Livraria Universitária.
- SERRA, C. coord.. 2000, *História de Moçambique*. 2. ed. Vol. 1. Maputo: Livraria Universitária.
5. Ver: www.codesria.org.
6. HONWANA, R. B. 1985, *Memórias: histórias ouvidas e vividas e da terra*. Maputo.
7. MORIER-GENOUD, E. 2012, *Sure Road? Nationalisms in Angola, Guinea-Bissau and Mozambique*. Leiden: Brill.
8. BORGES COELHO, J. P. 2011, *Abrir a fábula: questões da política do passado em Moçambique*. Coimbra: 01/6/2011. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/estilhacos_do_imperio/comprometidos/media/jp%20borges%20coelho%20coimbra%202011.pdf.
9. Ver: <http://repository.uwc.ac.za/xmlui/handle/10566/97>.
10. Michel Cahen é historiador, professor da Universidade de Bordeaux, autor do livro *Les bandits: un historien au Mozambique, 1994*; visitou a Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de

2013, e ministrou a disciplina *História Social e Política da África Portuguesa 1885-1975* no Programa de Pós-Graduação em Sociologia FFLCH-USP.

CAHEN, M. 2002, *Les bandits: un historien au Mozambique, 1994*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.

11. WUYTS, M. 1980, *Economia política do colonialismo português em Moçambique*. In: Estudos Moçambicanos, Maputo, n. 1, 1980, pp. 9-22.

12. Christian Geffray, antropólogo, autor dos livros *Nem pai nem mãe – Crítica do parentesco: o caso macua*, e *A causa das armas: antropologia da guerra contemporânea em Moçambique*, faz uma crítica ao Centro de Estudos Africanos por causa disso.

GEFFRAY, C. 1991 [1990], *A causa das armas: antropologia da guerra contemporânea em Moçambique*. Porto: Afrontamento.

GEFFRAY, C. 2000 [1990], *Nem pai nem mãe – Crítica do parentesco: o caso macua*. Lisboa: Caminho.

13. BORGES COELHO, J. P. 1989, *O início da luta armada em Tete, 1968-1969: a primeira fase da guerra e a reação colonial*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.

14. GENTILI, A. M. 1998, *O leão e o caçador: uma história da África sub-saariana*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.

15. SERRANO, C. 2008 [1988], *Angola, nascimento de uma nação: um estudo sobre a construção da identidade nacional*. Luanda: Kilombelombe.

16. PASSADOR, L. H. 2011, *Guerrear, casar, pacificar, curar: o universo da tradição e o HIV/Aids no distrito de Homoíne, sul de Moçambique*. Tese doutorado em Antropologia Social. Campinas: Unicamp.

17. CRUZ E SILVA, T. 2001 [1996], *Igrejas protestantes e consciência política no sul de Moçambique: o caso da Missão Suíça 1930-1974*. Maputo: Promédia.

AUTHORS

SILAS FIOROTTI

Silas Fiorotti, brasileiro, doutorando em Antropologia Social USP, e-mail: silas.fiorotti@gmail.com.

ANTONIO ALONE MAIA

Antonio Alone Maia, moçambicano, doutorando em Antropologia Social USP, e-mail: alonemaia13@gmail.com.

DENISE MORAES PIMENTA

Denise Moraes Pimenta, brasileira, doutoranda em Antropologia Social USP, e-mail: pimenta@usp.br.